

NOITES DE ANTO E A ILHA DE ORIENTE

Mário Cláudio



Sociedade Portuguesa de Autores
Publicações Dom Quixote

MÁRIO CLÁUDIO

01.10.1990 19



TEATRO

NOITES DE ANTO

(Alegoria em Sete Quadros)

2.ª edição

A ILHA DE ORIENTE

(Mistério em Três actos, com Prólogo e Epílogo)

2.ª edição

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

LISBOA

1996

Biblioteca Nacional — Catalogação na Publicação

Cláudio, Mário, pseud.
Noites de Antó; A Ilha de Oriente
(Autores de língua portuguesa)
ISBN 972-20-1285-1
CDU 821.134.3-24"19"



Publicações Dom Quixote, Lda.
Rua Luciano Cordeiro, 116 – 2.º
1098 Lisboa Codex – Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 1988, 1989, Mário Cláudio
Capa: *O Actor e o Pintor*,
pintura de Rui Aguiar, Acrílico s/ cartão, 1992
Foto da contracapa: Gaspar de Jesus

1.ª edição: Março de 1996
Depósito Legal n.º 97 334/96
Fotocomposição: Reprolito, Lda.
Impressão e acabamento: SMAG, Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 972-20-1285-1

A ILHA DE ORIENTE

Mistério em Três Actos,
com Prólogo e Epílogo

Esta peça foi estreada em 27 de Setembro de 1989, na Sala Polivalente da Fundação Calouste Gulbenkian, integrada nos Encontros ACARTE 89, com encenação de Filipe La Féria e música de cena de João Paulo Soares.



PERSONAGENS

Quatro Comediantes

Vasco da Gama

Um Cantor

Uma Cantora

Leonardo

Ninfa / Alma

Aurora / Esperança

Cefísia / Lebre / Fé

Zéfiro / Cisne / Temperança

Clóris / Gazela / Humildade

Pomona / Corvo / Caridade

Filomela / Fortaleza

Dafne / Castidade

*Um menino preto, um casal de bailarinos
indianos, quatro marinheiros.*

PRÓLOGO

QUATRO COMEDIANTES (*alternadamente*)

Ouvireis de minha ilha, que está no centro do Mundo, para que as estrelas se cruzem e as ventanias se encontrem. Ninguém dela vos dirá, porque ninguém a conhece, cristalino poliedro de luz refractada, por entre a espuma das ondas, quando se faz meio-dia ou despon-ta a lua-cheia. A ela se recolhem os nautas imprevidentes, apanhados pela explosão dos vendavais, pois que é dourada e redonda, como a paz que nela habita. Assim, dos trabalhos que padeceram se gratificam os bem-aventurados, ao fim da escura noite de seus medos, até que nus se descubram, com a própria ilha a reinar no peito da inquietação. Ouvireis, pois, de minha ilha, que está no centro do Mundo.

PANO

I ACTO
Esse Vasco da Gama, sob um baldaquino de veludo vermelho sustentado por um mureno preto, apajado por um casal de bailarinos indianos, seguido por quarenta marinheiros. Vento e relâmpagos, na distância.

VASCO DA GAMA — *(Batendo palmas, uma vez concluída a dança, de muitas cabriolas, do casal de bailarinos indianos)* — Amigos, dir-vos-ei que terminou ou que começa aqui a viagem? A esta ilha vos trouxe, que não creio que exista, porquanto não a vi em mapa algum, nem nesses que tenho ocultos num vão da minha câmara da nao-capitânia. Aqui vos trouxe, com toda a armada das Índias, para que, pelo vosso próprio engenho, descobrisseis que mistério cabe ao Mundo e a Portugal. Contar-vos-ão que nos transportaram os deuses a este lugar, mas foi a existência, a vossa e a minha, que tal efeito operou. Escutem as vozes, pois, amigos, embarquemos nelas. *(Bate palmas, de novo. Sai, com seu séquito, de passos abafados pelo estor de da tempestade marinha)*

Palco representando uma praia insular. Entra Vasco da Gama, sob um baldaquino de veludo vermelho sustentado por um menino preto, apajado por um casal de bailarinos indianos, seguido por quatro marinheiros. Vento e relâmpagos, na distância.

VASCO DA GAMA — *(batendo palmas, uma vez concluída a dança, de muitas cabriolas, do casal de bailarinos indianos)* — Amigos, dir-vos-ei que termina ou que começa aqui a viagem? A esta ilha vos trouxe, que não creio que exista, porquanto não a vi em mapa algum, nem nesses que tenho ocultos num vão da minha câmara da nau-capitânia. Aqui vos trouxe, com toda a armada das Índias, para que, pelo vosso próprio engenho, descobrisseis que mistério cabe ao Mundo e a Portugal. Contar-vos-ão que nos transportaram os deuses a este lugar, mas foi a existência, a vossa e a minha, que tal efeito operou. Escutemos as vozes, pois, amigos, embarquemos nelas. *(Bate palmas, de novo. Sai, com seu séquito, de passos abafados pelo estertor da tempestade marinha)*

Gradualmente, eis que vai decrescendo o fragor da borrasca. Entra Leonardo, com uma vastíssima capa de castorina negra, sobrançando uma enorme almofada de brocado de seda e oiro. Acomoda-se, para dormir, embrulhado em seu manto, e adormece, por fim. Do interior de sua capa, emerge a Ninfa, corre a toda a volta do palco, aquieta-se, a meio dele, com uma grande e estridente risada, enquanto os Quatro Comediantes, que não saíram de cena, e Um Cantor e Uma Cantora, que entram agora, recitam.

Leonardo, soldado bem disposto,
Manhoso, cavaleiro, e namorado.
Cansado, correndo. Espera, quero ver.
Tra la spiga e la man qual muro è messo?
Não me fujas, em quanto desejei.
Levas-me um coração, que livre tinha,
Que todo se desfaz em puro amor.

(Saem os Quatro Comediantes, o Cantor e a Cantora)

NINFA — Duas luas passaram, já, sobre vossa chegada, ó ímpia gente, que nunca me avistais. Do seio deste que dorme, Leonardo, estranho nome de fera que desposasse uma flor, vos espio as passadas, criaturas amantes do sofrimento, por estes areais e por estas florestas, aonde a dor nunca chegou. Bem sei que longa viagem realizastes, como se o Universo inteiro vos pertencesse, de que maravilhas os olhos se vos encheram, antes que as lágrimas, como sempre,

pelas faces, que o mar salgou, se derramassem, prata e almíscar e marfim e canela, e cânfora e anil e aljôfar, e âmbar e incenso e pimenta e rubis e ébano. Ouves-me tu, Leonardo?

LEONARDO — *(falando no sono)* — Por três quinze vezes, ai, como era pequenino, conheci o rosto e o travo da morte. Tinha ela a cara imunda e verde, como alga corroída, com um licor que me arranhava as veias da garganta. «Às armas», gritava eu, e ninguém, ninguém me escutava. Avançavam os companheiros, por detrás daquela grossa neblina, tão pesados, em suas couraças, que era só, a toda a volta, o alarido que faziam.

NINFA — Contaram-me, ainda, não me deixes mentir, que uma pomba branquíssima, nesse mesmo instante, em que o sangue vos manchava as lâminas e as mãos, se aninhava, tremendo, em teu coração. E que se chamava Margarida, ou Leonor, ou Raquel, e que trocava contigo palavras antigas, ouvidas à beira de certa nascente, ou pelos dentro de uma tapada, «ai, amor desta vida», «rapazinho estouvado», «não te afastes, por ora». Lembras-te disto, Leonardo, será verdade?

LEONARDO — *(falando no sono)* — Senhor Capitão, tenho as mãos limpas de todo o crime, e andei em tormentos, pela costa de África, a aprender como se faz um infeliz de Portugal. E sabeí, senhor, que não matei, nem recebi, de mim, outras notícias que não aquelas que me dá uma prece a Jesus Cristo,